



**LARA FERNANDES MARIANO**

**AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO  
LONGITUDINAL**

**LAVRAS – MG**

**2019**

**LARA FERNANDES MARIANO**

**AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO LONGITUDINAL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras, para obtenção de título de Licenciado.

Dra. Raquel Márcia Fontes Martins

Orientadora

**LAVRAS – MG**

**2019**

**LARA FERNANDES MARIANO**

**AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO LONGITUDINAL  
PHONOLOGICAL ACQUISITION OF PORTUGUESE: A LONGITUDINAL STUDY**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras, para obtenção de título de Licenciado.

APROVADA em 11 de junho de 2019.  
Dr. Valter Pereira Romano – UFLA  
Dra. Andrea Portolomeos - UFLA  
Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart - UFLA

---

Dra. Raquel Márcia Fontes Martins  
Orientadora

**LAVRAS – MG**

**2019**

*Dedico este trabalho à minha família:  
inesgotável fonte de amor, respeito, inspiração e  
razão das minhas conquistas.*

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo imensamente a presença de Deus no meu caminhar e por me presentear com o dom da vida.

Agradeço aos meus filhos, Noah e Serena, anjos que vieram para iluminar ainda mais a minha vida e encher de amor os meus dias.

Aos meu pais, Vilma e Osório, pelo valor da vida e pelo exemplo de amor, inspiração e o honestidade.

Ao meu marido, André, por todo o companheirismo, amizade e carinho. Por sempre apoiar as minhas escolhas e fazer de tudo para ser o mais presente possível.

Agradeço meus irmãos queridos, Ravi, Rodrigo e Luciana, que sempre me incentivaram a realizar os meus sonhos.

Aos professores da Universidade Federal de Lavras (UFLA) que foram essenciais para minha formação acadêmica.

Em especial à minha orientadora, Raquel Márcia Fontes Martins, por toda orientação, dedicação e competência. Agradeço por me possibilitar conhecer um pouco mais sobre a aquisição da linguagem e por incentivar a realizar o trabalho com os dados da minha filha. Isso, sem dúvidas, é de muito valor.

Para finalizar, agradeço todas as pessoas queridas, amigos, colegas e profissionais em geral que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a aquisição da linguagem por uma criança (de 11 meses e 3 dias a 1 ano 9 meses e 15 dias) com desenvolvimento típico, em um estudo longitudinal. Em específico, avalia-se a aquisição sonora dessa criança. Foram realizados estudos com enfoque na aquisição fonológica do Português Brasileiro (PB) e estratégias de reparo comumente utilizadas por crianças em aquisição, falantes do PB, (LAMPRECHT, 2004; KAIL, 2013). Para proceder a esta pesquisa, foram realizadas gravações periódicas de áudio-vídeo no ambiente familiar da criança com o envolvimento dos pais e de pessoas próximas, para que a criança se sentisse à vontade para produzir os sons de forma natural e espontânea. Também, foi utilizado um diário de campo para observações que foram consideradas importantes para a coleta. A partir da pesquisa, constatou-se uma cronologia de aquisição sonora. Dessa forma, a criança apresenta, primeiramente, o balbúcio, em seguida, a aquisição das vogais, das consoantes nasais, das consoantes plosivas e, por fim, das consoantes fricativas.

**Palavras-chave:** Aquisição da Linguagem. Aquisição Fonológica. Estudo Longitudinal.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the acquisition of language by a child (11 months and 3 days to 1 year 9 months and 15 days) with typical development in a longitudinal study. Specifically, the child's sound acquisition is evaluated. The studies was conducted with focus on the phonological acquisition of Brazilian Portuguese (PB) and repair strategies commonly used by children in the acquisition, PB speakers, (LAMPRECHT, 2004; KAIL, 2013). To carry out this research, periodic audio-video recordings were performed in the child's family environment with the involvement of parents and close people, so that the child felt comfortable to produce the sounds naturally and spontaneously. Also, a field diary was used for observations that were considered important for the collection. From the research, it was verified a chronology of sound acquisition. In this way, the child first presents the babble, then the acquisition of the vowels, the nasal consonants, the plosive consonants, and finally the fricative consonants.

**Keywords:** Acquisition of Language. Phonological Acquisition. Longitudinal study.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>1</b>
<b>2.1 Aquisição fonológica do português brasileiro .....</b>	<b>4</b>
<b>2.2.1 Estratégias de reparo.....</b>	<b>7</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>10</b>
<b>4.1 Balbucio.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 Aquisição das vogais.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2.1 Aquisição das nasais .....</b>	<b>15</b>
<b>4.2.2 Aquisição das plosivas.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2.2.1 Aquisição das fricativas.....</b>	<b>17</b>
<b>4.2.2.2 Síntese da análise .....</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>20</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem começaram no século XIX, quando a literatura aponta linguistas e filósofos que registravam a fala espontânea de seus próprios filhos com a finalidade de realizar pesquisas. Esses estudiosos, providos não só pelo interesse parental, mas também pelo interesse profissional, ficaram conhecidos como “diaristas”. Desde então, esses estudos que buscam acompanhar o desenvolvimento da fala da criança podem ser realizados de duas formas: a longitudinal e a transversal. A pesquisa transversal envolve um número maior de crianças e as coletas de dados são realizadas em tempo dilatado. Já os trabalhos do tipo longitudinal analisam o processo de aquisição ao longo do tempo com número menor de indivíduos, assim como faziam os diaristas. (SCARPA, 2012)

O interesse em realizar essa pesquisa se deu a partir do nascimento da filha da pesquisadora, Maria, que foi quem despertou a curiosidade de conhecer como a criança adquire a linguagem. Esta pesquisa foi realizada entre os 11 meses e 1 ano e 9 meses de idade dessa criança que apresenta desenvolvimento típico de fala. Assim, o trabalho presente tem como objetivo central estudar o desenvolvimento típico da fala de uma criança falante do português brasileiro (PB) no meio de um estudo longitudinal. Objetiva-se ainda analisar, por partes, as principais produções realizadas pela criança no período dos dez meses avaliados: o balbúcio; a aquisição das vogais, a aquisição das nasais, a aquisição das plosivas e, por fim, a aquisição das fricativas. Com este trabalho, espera-se contribuir para os estudos da área de aquisição da linguagem, especialmente, da aquisição fonológica do PB.

Neste artigo, são apresentadas: as principais teorias que fundamentam essa pesquisa, a aquisição fonológica do português, as estratégias de reparo, a metodologia utilizada; a análise dos dados obtidos e as considerações finais deste trabalho.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A aquisição da linguagem é um tema que causa muitas curiosidades entre os estudiosos e leigos que procuram entender como esse processo complexo ocorre em um curto período da vida da criança. Em termos gerais, Scarpa (2012) afirma que,

A Aquisição da Linguagem é, pelas suas indagações, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. No meio do caminho entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, Cognitiva, entre outras tendências), da Linguística. No entanto, na contramão, as questões suscitadas pela Aquisição da Linguagem, bem como os problemas metodológicos e teóricos colocados pelos próprios dados aquisicionais, têm, não raro, levado tanto a Psicologia (sobretudo a Cognitiva) e a própria Linguística a se repensarem e renovarem. Por isso é que se diz que a Aquisição da Linguagem tem sido uma arena privilegiada de discussão teórica tanto da Linguística quanto da Psicologia Cognitiva, como também das Neurociências. (SCARPA, 2012, p. 243).

Ainda de acordo com a autora, os estudos sobre a aquisição da linguagem devem ser divididos em subáreas específicas para cada tema. Como, por exemplo, a aquisição da língua materna de crianças com o desenvolvimento típico ou atípico, como, também, a aquisição de segunda língua e a aquisição da escrita. (SCARPA, 2012). Nesse sentido, contemplaremos as principais teorias que fundamentam os estudos da aquisição da linguagem com um foco para a aquisição fonológica típica – desenvolvimento da fala considerado normal –, o que é a proposta deste trabalho.

Conforme Inês Sim-Sim (2017, p. 18), “o processo de aquisição da linguagem pela criança é intrigante para qualquer adulto que, no convívio direto com uma criança, se apercebe da facilidade e da rapidez com que a mesma apreende e domina a língua.” Nesse sentido, Grolla e Silva (2014, p. 36) afirmam que, “entre o nascimento e os 5 anos de idade, ela se torna falante proficiente de sua língua, uma coisa que nós, em qualquer idade depois de adultos, não conseguimos nem com muita dedicação!”. Além disso, a criança adquire a fala ao mesmo tempo em que ela desenvolve habilidades cognitivas e relações sociais. (KAIL, 2013)

Sendo assim, a criança apresenta uma evolução extraordinária no que diz respeito ao seu processo de aprendizagem. Lamprecht (2004, p. 28) nos diz que, “o bebê percebe a pausa rítmica e entonacional da fala desde a vida intra-uterina; o feto ouve a voz da sua mãe e de outros falantes presentes no ambiente, do mesmo modo como também ouve músicas”. De acordo com Kail (2013), entre o primeiro e o quarto mês do bebê ele é capaz de diferenciar fonemas (/ba/, /pa/) e com seis meses consegue discriminar /p, t, k/ de /b, d, g/. Ainda conforme a autora,

A percepção das vogais parece ser precocemente afetada pelas restrições da língua materna. A partir dos 6-8 meses, os bebês anglófonos não distinguem mais os contrastes vocálicos ausentes na sua língua. O espaço vocálico estaria estabelecido ao redor dos 10 meses, e os repertórios

consonânticos de crianças de diferentes comunidades linguísticas se diferenciam progressivamente entre 11 e 13 meses. (KAIL, 2013, p. 28).

Já com um ano de idade a criança inicia a produção, além do balbúcio, de suas primeiras palavras. Tais palavras, geralmente, nomeiam objetos de costume da criança como, por exemplo, “mamãe”, “papai”, “auau” etc. Já com um ano e meio, as crianças começam a fazer combinações com palavras isoladas e, nessa mesma idade, o seu vocabulário aumenta a cada dia, pois elas aprendem palavras novas a todo momento. (GROLLA; SILVA, 2014).

A partir da reflexão e da curiosidade de conhecer profundamente como o processo de aquisição da linguagem acontece é que diversos teóricos se ocuparam em estudar esse processo de forma expressiva. A primeira teoria que ficou mais conhecida entre esses estudos foi a behaviorista que é também conhecida na literatura como teoria comportamentalista. Os estudos de Skinner (1957) marcaram essa corrente que serviu de base para os estudos linguísticos estruturalistas durante algumas décadas. De acordo com Cezario e Martelotta (2017, p. 207), o behaviorismo defende que “a aprendizagem dá-se através de respostas bem-sucedidas e determinados estímulos do meio, e a repetição das respostas associadas aos estímulo é fundamental para aprendizagem”. Nessa perspectiva, a aquisição fonológica acontece a partir de associações de estímulo-resposta realizadas pela criança.

Em contrapartida à teoria behaviorista presente na época, Chomsky (1959) buscou explicar a aquisição da fala como um processo inatista do ser humano. De acordo Chomsky, a criança nasce com um dispositivo mental (Dispositivo de Aquisição da Linguagem) que permite a ela a capacidade de adquirir uma língua. Cezario e Martelotta (2017) afirma que,

Essa corrente dá maior importância ao organismo, à codificação genética, que traz muitas informações sobre o comportamento humano, a personalidade, a capacidade de compreensão de quantidades, a capacidade de distinção entre os sons da fala e outros sons, entre outras informações. No caso da aquisição da linguagem, o meio cumpriria o papel de acionar o dispositivo responsável pela aquisição de língua. (CEZARIO E MARTELOTTA, 2017, p. 208).

Em seguida aos estudos gerativistas, nasce a corrente do cognitivismo construtivista de Piaget (1978) que afirma que a aprendizagem e a aquisição da linguagem acontecem através da interação do indivíduo com o meio onde está inserido. Segundo Scarpa (2012), essa teoria defende que a aquisição da linguagem acontece em estágios,

O aparecimento da linguagem se dá na superação do estágio sensório-

motor, por volta dos 18 meses. Neste estágio (...) dá-se o desenvolvimento da função simbólica, por meio da qual um significante (ou um sinal) pode representar um objeto significado, além do desenvolvimento da representação, pela qual a experiência pode ser armazenada e recuperada. Essas duas funções estão estritamente ligadas a outros três processos que ocorrem concomitantemente e que colaboram para a superação do que Piaget chama de “egocentrismo radical”, presente no período sensório-motor, segundo o qual existe “uma indiferenciação entre sujeito e objeto ao ponto que o primeiro não se conhece nem mesmo como fonte de suas ações. (SCARPA, 2012, p. 210).

Em diálogo com os estudos de Piaget, o psicólogo Vygotsky (2008), em sua teoria do Interacionismo social, parte do princípio de que a aquisição da linguagem é fruto da relação com o meio e da comunicação entre crianças e adultos. Esses estudos entendem que o processo de internalização do conhecimento é uma operação externa e, por isso, para que a aprendizagem aconteça, deve ser mediada por um adulto ou uma pessoa que a ajude a alcançar o saber. Scarpa (2012, p. 252) afirma que, nesse contexto, a “interação social e troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento linguístico.”

No que diz respeito aos estudos de aquisição da linguagem no âmbito da Linguística Cognitiva, os Modelos Baseados no Uso (Usage-Based Models) ganharam reconhecimento a partir da década de 90. Esses modelos “ênfaticam que a estrutura linguística emerge do uso, destacando que a essência da linguagem é sua dimensão simbólica.” (Ferrari, 2011, p. 149). Conforme Ferrari (2011), às teorias que servem de base para os estudos de aquisição devem estar associadas a outras formas de desenvolvimento da criança, como, por exemplo, o desenvolvimento cognitivo, comunicativo e sociocognitivo.

A partir dessa breve explanação sobre correntes teóricas que permeiam os estudos sobre a aquisição da linguagem, é importante pontuar que independentemente da teoria adotada, verifica-se que o processo de aprendizagem da criança acontece de forma natural como uma habilidade própria do ser humano.

Passaremos para a próxima parte do texto que trata da aquisição fonológica do português brasileiro (PB).

## **2.1 Aquisição fonológica do português brasileiro**

Os estudos sobre aquisição fonológica do português ganharam destaque nas últimas décadas no Brasil. A primeira faculdade a ofertar uma disciplina sobre os estudos de aquisição

da linguagem foi a PUC do Rio Grande do Sul (PUCRS) na década de 80, onde também foram realizadas as primeiras coletas de dados da fala. Além disso, as primeiras coletas aconteceram apenas com crianças que apresentavam desvios fonológicos, o que mais tarde, foi observado por Mehmet Yavas, em 1983, que, para estudar as crianças com desvios na fala, era necessário estudar primeiro as crianças com desenvolvimento considerado normal. (LAMPRECHT *et al*, 2004).

A partir disso, vários autores têm contribuído de forma significativa para os estudos de aquisição fonológica do português com o intuito de fornecer parâmetros que fomentam essa área de pesquisa. Lamprecht *et al* (2004), por exemplo, no livro *Aquisição Fonológica do Português*, reúne trabalhos de pesquisadores que se propuseram a estudar o percurso da aquisição dos segmentos do português. Sendo assim, o trabalho apresenta um detalhamento do desenvolvimento de diferentes aspectos sonoros: a aquisição das vogais; a aquisição das plosivas e nasais; a aquisição das fricativas; a aquisição das líquidas; a aquisição do núcleo complexo, das coda, e por fim, a aquisição do *onset* complexo.

Essas pesquisas foram embasadas em dados coletados da fala de centenas de crianças na faixa etária de 1 a 7 anos de idade por meio de estudos transversais e longitudinais. No capítulo *Cronologia da Aquisição dos Segmentos e das Estruturas Silábicas*, os autores reuniram os resultados dessas pesquisas em um quadro, a fim de mostrar uma cronologia da aquisição dos fonemas do português separados por classes de sons, em diferentes posições silábicas. O Quadro 1, a seguir, foi retirado do capítulo mencionado com o intuito de mostrar como essa proposta de cronologia de aquisição fonológica do português brasileiro, baseada nas pesquisas com as crianças citadas. O quadro apresenta a aquisição sonora em cada faixa etária considerada nas pesquisas. Desse modo, verifica-se no quadro, por exemplo, que com 1 ano e 2 meses, a criança adquiriu a vogal [a]. Já com um ano e quatro meses, a criança adquiriu, além de [a], as vogais [u, e, o, i, a]. Com 1 ano e 6 meses, além dos sons vocálicos anteriores, a criança adquiriu as consoantes [p, b, t, m, n]. E assim, sucessivamente, em cada faixa etária.

#### Quadro 1

posição na palavra faixa etária	vogais	plosivas, nasais e africadas			fricativas				líquidas				
	núcleo	onset (absoluto e medial)	coda final	coda medial	onset absoluto	onset medial	coda final	coda medial	onset absoluto	onset medial	onset complexo	coda final	coda medial
1:2	a												
1:3	u, i, a												
1:4	u, e, o, i, a												
1:6	u, e, o, i, a	p, b, t, d, m, n											
1:7	ɔ, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, m, n, ʝ	n***										
1:8	ɔ, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ	n		v	v							
1:9	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ	n		f, v	f, v							
2:0	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ*	n		z, f, v	f, v, s, z							
2:2	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ*	n	n	z, f, v	f, v, s, z							
2:6	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, s, z	s						
2:8	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, s, z	s		l				
2:10	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s		l				
3:0	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l	l			
3:4	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	l, R			
3:6	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	l, R			
3:8	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	l, R			
3:10	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	l, R			
4:0	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	ʀ, ʀ, ʎ, l			
4:2	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	ʀ, ʀ, ʎ, l			
5:0	ɔ, ε, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ʝ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʝ, s, z	s	s	l, R	ʀ, ʀ, ʎ, l	l, r	l, r	ʀ, l

\* ʃ, dʒ não são fonemas, são alofones do português.

\*\* a coda com /l/ é realizada como [w]

\*\*\* a coda final com /N/ é realizada como ditongo nasalizado

(LAMPRECHT *et al*, 2004)

Lamprecht (2004, p. 22-23) nos diz que, para saber se uma estrutura silábica ou um segmento foi adquirido, de fato, pela criança “é necessário ter-se um critério de proporção de acertos de produção a partir do qual essa afirmação possa ser feita.” Sendo assim, a autora apresenta que os pesquisadores consideram que determinado som foi adquirido se a criança apresentar uma porcentagem de 80 a 86% de produções corretas de determinado som. (LAMPRECHT, 2004).

Além disso, a autora explica quatro tópicos básicos que devem ser considerados ao observar como a criança aprende a falar. Em primeiro lugar, a autora afirma que as *variações individuais* entre crianças da mesma idade podem ser um tanto amplas no que diz respeito ao seu domínio dos segmentos presentes nessa aquisição. (LAMPRECHT, 2004)

Mesmo com essa variação, como Ribas e Toreti (1997 citado por MENN; STOEL-GAMMON, 2010, p. 3) afirmam, “parece haver um determinado padrão na ordem de domínios dos fonemas, já que a maioria das crianças apresentam (...) a mesma ordem de aquisição, aproximadamente com a mesma idade”. Ou seja, embora haja variação interindividual na aquisição, a maioria das crianças apresenta um padrão na ordem de aquisição.

O outro aspecto importante que, segundo Lamprecht (2004), deve ser considerado para os estudos fonológicos em aquisição, são as *regressões no desenvolvimento fonológico* infantil. Conforme Bonilha (2005, p. 221), através de uma pesquisa realizada com coletas de dados da fala, os resultados mostraram que os dados “flutuam dentro de um determinado limite, o que corresponde pelas regressões encontradas.” Nesse sentido, Lamprecht (2004) afirma que,

a evolução - tanto do domínio dos segmentos como no das estruturas silábicas - desde o estado inicial da aquisição em direção ao estado final, quando o sistema está compatível com o alvo-adulto, não é constante, num movimento linear, mas sim com descontinuidades. A variabilidade individual determina se essas regressões no desenvolvimento de uma certa criança são desprezíveis, passando despercebidas, ou se são importantes, com picos de baixas porcentagens de produção correta interferindo ao longo da linha evolutiva. (LAMPRECHT, 2004, p. 26)

Sendo assim, essas regressões devem ser consideradas naturais dependendo do grau de evolução que a criança apresenta em relação ao desenvolvimento fonológico. Além desse aspecto, Lamprecht (2004) destaca o *conhecimento fonológico* subjacente da criança. A autora afirma que, não é sempre que,

a criança pequena manifesta todo o conhecimento, toda a sua capacidade na produção da fala. Em outras palavras, é possível que as crianças saibam mais do que os interlocutores - os adultos e outras crianças com que interage - podem perceber. Numa observação minuciosa, encontraremos, às vezes, evidências que apontam para a representação subjacente existente na mente da criança, porém não-evidenciada na fala. (LAMPRECHT, 2014, p. 30)

O último tópico abordado por Lamprecht (2004) como fundamental para entender a aquisição fonológica são as *estratégias de reparo* que serão abordadas na próxima parte do trabalho, de forma mais específica, por serem focalizadas na análise dos dados coletados nesta pesquisa.

### **2.2.1 Estratégias de reparo**

As *estratégias de reparo* ou *processos fonológicos* são mecanismos naturais que as crianças desenvolvem a partir da necessidade de produzirem algum som que não dominam completamente ou não tenham conhecimento. A Fonologia Natural, que tem como um dos principais influentes os estudos de Stampe (1973), considera que essas estratégias “constituem-se por operações mentais de simplificação, através dos quais segmentos ou sequências que se

mostram difíceis para a criança são substituídos por outros sem a propriedade complexa” Matzenauer e Costa (2017, p. 54). Nas palavras de OTHERO (2005),

Em suas tentativa de produção de palavras tais quais ouvidas pelas produções dos adultos, as crianças tentam adaptar a forma das palavras de maneira que consigam produzi-las o mais próximo possível da fala adulta. Ou seja, as suas produções iniciais não são perfeitas, cópias fiéis da fala adulta, tampouco são desordenadas e caóticas; são antes tentativas de produções próximos a fala adulta. Essas tentativas contêm “erros” e desvios de pronúncia que podem mostrar muitas coisas: que estratégias a criança está utilizando para produzir determinados tipos de sons, qual a dificuldade que a criança está enfrentando para produzir outros tipos de sons e, muitas vezes, podem inclusive mostrar o nível de consciência fonológica da criança, por exemplo. (OTHERO, 2005, p. 1)

Para exemplificar as estratégias de reparo, utilizam-se aquelas apontadas por Lamprecht (2004):

No nível segmental:

- a dessonorização de obstruintes (ex.: ‘abre’ → [‘api])
- a anteriorização (ex.: ‘queijo’ → [‘kezu])
- a posteriorização (ex.: ‘bolsa’ → [‘boja])
- a semivocalização de líquidas (ex.: ‘cenoura’ → [‘noja]), ‘colo’ → [‘kɔwu], ‘folha’ → [‘foja])
- a substituição de líquida, geralmente de não-lateral por lateral (ex.: ‘passarinho’ → [pasa’liɲu], ‘barraca’ → [ba’laka])
- a não-realização do segmento em onset simples (ex.: ‘sabonete’ → [‘eti], ‘rua’ → [‘ua])

No nível silábico:

- a não-realização do segundo membro de um onset complexo (ou redução de encontro consonantal) (ex.: ‘braço’ → [‘basu])
- a não-realização da coda (ex.: ‘carninha’ → [ka’niɲa])
- a metátese (ex.: ‘verde’ → [‘vredzi], ‘dragão’ → [da’grãw])
- a epêntese (ex.: ‘brabo’ → [ba’rabu])
- a não-realização de uma ou mais sílabas (ex.: ‘dormindo’ → [‘mindu], ‘dinossauro’ → [‘sawo]). (LAMPRECHT, 2004, p. 28)

Essas estratégias são realizadas a partir dos 12 meses e podem durar até os 5 anos de idade, que é quando a criança começa, de fato, a dominar os segmentos da língua. Segundo Othero (2005, p. 4), esses processos acontecem de forma natural, inata e universal, pois todos os indivíduos que apresentam um desenvolvimento considerado normal, “em algum momento durante os primeiro anos de sua aquisição da linguagem, enfrentaram tais dificuldades e limitações.”

Sobre a importância dos estudos que envolvem o conhecimento das estratégias de reparo, Othero (2005) afirma que

qualquer pesquisador interessado no estudo da fala da criança (linguística, fonoaudiólogos, psicólogos etc.) deveria conhecer a teoria dos processos fonológicos para melhor compreender algumas das estratégias utilizadas pelas crianças na aquisição fonológica de sua língua materna. (OTHERO, 2005, p. 2)

Na próxima parte do trabalho, trataremos da metodologia utilizada nesta pesquisa que acompanha, em um estudo de caráter longitudinal, a aquisição da fala de uma criança, uma menina, no período de 11 meses e 1 ano e 9 meses de idade, realizando-se, portanto, um estudo de caso.

### **3 METODOLOGIA**

O trabalho presente tem como referência inicial um estudo bibliográfico fundamentado em discussões teóricas e conceituais sobre a aquisição da linguagem como demonstrado na seção anterior. Além disso, à semelhança da maioria dos estudos em aquisição, esta pesquisa contou com uma coleta de dados. Especificamente, realizou-se uma coleta longitudinal que de fala com uma criança monolíngue, falante do português brasileiro, em um estudo de caso. Esse tipo de estudo “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.” (FONSECA, 2002. p. 33). Trata-se de uma menina, Maria, cujos dados foram coletados no período de 11 meses e 1 ano e 9 meses de idade (entre junho de 2018 e abril de 2019). Ressalta-se que esta criança é natural da cidade de Lavras (MG). Seus pais, estudantes universitários, são provenientes de Aiuruoca (MG). A escolha da criança analisada se deu por ser filha da pesquisadora.

Sendo de caráter longitudinal, ou seja, “trata-se do estudo que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo” (Scarpa, 2012, p.242) como se destacou, a pesquisa contou com gravações quinzenais com duração média de 30 minutos cada. Ao todo, foram 22 sessões de coleta de dados. Como afirma Scarpa (2012, p. 242), “registrando uma quantidade razoável da fala da criança de cada vez, pode-se ter uma amostra bastante representativa para se estudar como o conhecimento da língua pela criança é adquirido e/ou como muda com o tempo.” Além disso, trata-se, aqui, de uma pesquisa qualitativa, que, de

acordo com Gehardt e Silveira (2019, p. 31), esse tipo de pesquisa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento de compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

É importante dizer que trabalhos que envolvem coletas de dados de aquisição fonológica exigem bastante atenção por parte do pesquisador. A pretensão é coletar dados da fala espontânea da criança, que conforme Grolla e Silva (2014, p. 94), “caracteriza-se por não guiar a fala da criança de modo a fazê-la produzir determinadas construções específicas”. Sendo assim, ela deve ser observada em suas ações naturalísticas, para que se obtenha os dados necessários e esperados por esse tipo de estudo.

Para isso, utilizou-se como *corpus* para a pesquisa as gravações e transcrições dos áudios-imagem da fala da criança. Assim, foram usados instrumentos que ajudaram na produção espontânea da criança, como, brinquedos musicais, brinquedos de madeira, bonecas, jogos, chocalhos, comidas, etc. Também serviu de ferramenta para a coleta um diário de campo com observações que foram consideradas relevantes para o presente trabalho, como, por exemplo, as habilidades motoras e atividade lúdicas que a criança desenvolveu no período da coleta. É importante destacar que as gravações foram realizadas sempre no ambiente familiar perto dos pais, do irmão, dos avós e de pessoas próximas, para que a criança se sentisse à vontade para interagir e dialogar.

Como se mencionou, a coleta transcorreu quando a criança estava com 11 meses e finalizou com 1 ano e 9 meses de idade. Vale considerar também que, em algumas coletas, a criança não se mostrava disposta, sendo assim, a gravação era interrompida para seu bem estar. Em alguns períodos, também, ela estava em processo de dentição, o que a deixava mais introspectiva.

Depois que a coleta foi feita, os dados foram transcritos e avaliados por meio de análise auditiva. Em seguida, os dados foram sintetizados em um quadro que mostra as principais produções sonoras realizadas, a idade da criança, a transcrição fonética, o sentido dessas produções, e observações, coletadas no diário de campo, sobre a coleta ou a criança. Essa organização implicou em construir uma ordem cronológica de aquisição do português pela menina aqui analisada, como veremos na análise dos dados e discussão dos resultados, a seguir.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Apresentamos, a seção, a análise dos dados e discussão dos resultados obtidos por meio

da coleta de dados explicitada na seção anterior. O Quadro 2, a seguir, sintetiza as principais produções fonológicas que foram realizadas pela criança investigada. Dessa forma, o quadro apresenta as 22 coletas realizadas, a idade da criança no momento de cada coleta, as principais produções que ela realizou, a transcrição fonética, o sentido e as observações contidas no diário de campo que foram consideradas relevantes para essa pesquisa.

Deve-se fazer a leitura do Quadro 2 da seguinte forma: na coleta 2, por exemplo, a idade da criança era de 11 meses e 17 dias (00:11:17) e a produção observada foi de balbucio e da palavra *ae* → [a.'e] → *cadê*. Já as observações mostram que a criança também estava brincando com o irmão, assim, desenvolvendo atividades lúdicas. Outro exemplo, é a coleta 8 em que a criança estava com 01:02:17 e não houve ocorrências de produção de sons, pois a criança se mostrou sem disposição no momento da gravação.

Quadro 2: Dados coletados: faixa etária 11:3 a 01:09:15

Coleta	Idade	Produção	Transcrição Fonética	Sentido	Observações
1	0:11:03	bababa	balbucio	—	primeiros passos sem apoiar, brinca com brinquedos: carrinhos, toquinhos de madeira.
2	0:11:17	ababá AÊ?	balbucio [a.'e]	— cadê?	brinca com o irmão de bola
3	1:00:03	bumbumbum	balbucio	—	come banana com as mãos período de dentição
4	1:00:17	abubu O AI	balbucio [o] [ai]	— vou ai	gargalhadas, expressões faciais: sorriso, caretas, etc.
5	1:01:02	AÔ	[a.'o]	alô	sobre as escadas sozinha (sem apoio de adultos) com o apoio das mãos.
6	1:01:23	MAMÁ	[mæ.'ma]	mamãe	brinca com livros, brinquedos de madeira: toquinhos, carrinhos, casinha e mama.
CONTINUA					

Coleta	Idade	Produção	Transcrição Fonética	Sentido	Observações
7	1:02:04	AUAU BÓ	[aw.'aw] [bɔ]	auau Bob	brinca com potes: fecha e abre várias vezes.
8	1:02:20	(não ocorreu pronúncia)	—	—	não estava disposta para gravações.
9	1:03:01	Ó ATI ABU	[ɔ] [a.'tʃi] [ 'a.bu]	olha aqui água	dança e emite sons vocais com ritmo.
10	1:03:15	(não ocorreu pronúncia)	—	—	não estava disposta para gravações.
11	1:04:03	MAMÃ FOFÓ	[mã.'mã] [fɔ.'fɔ]	mamãe vovó	faz carinho, dança, da abraço.
12	01:04:19	TÁ MAMÁ PAPÁ	[ta] [mã.'ma] [pa.'pa]	ta mamá papai	o andar se mostra cada vez mais rápido e as brincadeiras com o irmão ficam cada vez mais harmônicas.
13	1:05:03	ABA	[ 'a.bə]	água	brinca de pega-pega com o irmão; solta gargalhadas.
14	01:05:18	VOVÓ	[vɔ.'vɔ]	vovó	corre; brinca com o cachorro, brinca de areia com o avô. (gravação realizada no sítio dos avós)
15	1:06:00	ÃO IO A	[ãɔ] [iɔ] [a]	irmão tio Rá	brinca com brinquedos de pelúcia e bonecas.
16	1:06:18	BÓPA AIAI	[ 'bɔ.pə] [ai.'ai]	bota ai ai	tenta colocar os sapatos sozinha, se mostra cada vez mais independente.
CONTINUA					

Coleta	Idade	Produção	Transcrição Fonética	Sentido	Observações
17	1:07:05	MAMÃE PAPAI BÉDI COCO SISI	[mã.'mõŋ] [pə.'pai] [ˈbɛ.di] [co.'co] [si.'si]	mamãe papai Bédi coco xixi	brinca com o irmão e com o cachorro (Bédi) na água e na areia. (gravação realizada no sítio dos avós)
18	1:07:20	PACA PÓCA	[ˈpa.cə] [ˈpɔ.cə]	vaca pipoca	brinca e interage enquanto o irmão vê desenho (ainda não demonstra interesse por tv).
19	1:08:00	PODI AI ADÊ? NENÉM PACA TAVO	[ˈpɔ.di] [ai] [a.'de] [ne.'neŋ] [ˈpa.cə] [ta]	pode ai cadê? neném vaca ta	brinca com o irmão de correr e pular (já consegue pula com os dois pés).
20	1:08:15	VOVÓ APÉ DADE PAUM BÓITI OVY	[vo.'vɔ] [a.'pɛ] [ˈda.di] [ˈpa.wm] [ˈboi.ti] [ˈo.vɔ]	vovó pé soledade pão bota de novo	pula; bate palmas; roda (se mostra cada vez mais habilidosa).
21	1:09:00	Ó AU AU POCO DÊ? MÃO ÃO I	[ɔ] [aw.'aw] [ˈpo.kɔ] [ˈde] [ˈmõw] [ˈõw] [ˈi]	olha o auau pouco cadê? irmão João Davi	brinca com o violão, avós e tios (gravação realizada na casa dos avós).
22	1:09:15	VOVÔ CACÁ QUÉ PAIA MÁ PESSI SOEDADE TADA POTI	[vo.'vo] [cə.'ca] [quɛ] [paiə] [ma] [ˈpe.si] [so.e.'da.di] [ˈta.də] [ˈpɔ.ti]	vovô Cacá Quer praia mar peixe soledade cantada pote	pula; brinca na água e na areia; brinca com brinquedos de plásticos; corre; brinca com o irmão (gravação realizada em uma viagem para praia)

O Quadro 2 apresenta todas as produções coletadas neste estudo. A fim de interpretar esses dados, optou-se por promover a discussão em separado, por “classes sonoras”, tendo como foco analisar o desenvolvimento fonológico da criança, levando

em consideração a cronologia dos segmentos adquiridos. Sendo assim, apresenta-se a análise detalhada na seguinte ordem: o balbucio, a aquisição das vogais, a aquisição das nasais, a aquisição das plosivas e a aquisição das fricativas, relacionando com outros estudos já realizados na área de aquisição fonológica.

#### 4.1 Balbucio

A primeira ocorrência de produção de sons observada nos dados da criança participante foi o balbucio, que é a produção de sons vocálicos e consonantais realizada de forma repetitiva. De acordo com os estudos de Jakobson (1967, citado por MILANO; FLORES, 2015, p. 66) “trata-se de um mecanismo das formas de linguagem de berço que pode funcionar como índice da passagem do balbucio à palavra visto que a repetição aponta para a instanciação de uma “entidade semântica””.

Pode-se observar nas coletas 1, 2, 3 e 4 - entre 00:11:03 e 01:00:17 - que Maria produziu: [bababa], [ababá], [bumbum] e [abubu], respectivamente. Desta forma, o segmento consonantal [b] seguido das vogais [a, u, um] foram produzidos no padrão silábico CVCV, havendo também a ocorrência de sílaba V com a vogal “a”. Uma curiosidade a respeito desses dados é, que ao mesmo tempo em que a criança produzia o balbucio, ela também começou a pronunciar suas primeiras palavras, como na coleta 2, com a palavra *aê* → [a.'e] → *cadê* e na coleta 4, em que ela produziu *ai!* (interjeição) e a palavra *o* → [o] → *vou*. Outro aspecto a ser observado nas coletas é que a criança também estava desenvolvendo habilidades motoras, sociais, paralelamente às habilidades linguísticas: os primeiros passos, brincando com o irmão fazendo expressões faciais, entre outras. ”

Assim, percebeu-se que à medida em que a criança aumentava a produção de palavras da língua, ela diminuía a vocalização do balbucio. “É nesse momento que se percebe a linha de corte entre aquilo que é produzido indistintamente como “explosão de balbucio” – a criança é capaz de produzir qualquer som de qualquer língua do mundo.” (Milano e Flores, 2015, p. 68).

#### 4.2 Aquisição das vogais

Conforme Bonilha (2004, p 65), os segmentos vocálicos são os primeiros a serem adquiridos pela criança. Começa com a aquisição da vogal [a] e “somente aos 1:8 todo o sistema vocálico do português está adquirido.”

Frota e Name (2017, p. 52) afirmam que “o sistema fonológico do Português integra um

conjunto de sete vogais: /i e ε a u o ɔ//". As vogais /a, e/ foram as primeiras a serem produzida pela criança investigada com 00:11:17, como mostra a coleta 2 com a produção da palavra *aê* → [a.'e] → *cadê*. De acordo com os estudos de Bonilha (2004), a aquisição fonológica de /a/ acontece com 1 ano 2 meses, mas pode-se observar que Maria já estava apresentando esse som. A respeito da realização da vogal [e], nota-se um fato curioso: a criança não apresentou outras produções com o emprego dessa vogal nas coletas seguintes à coleta 2 e só ocorreu produção, novamente, na coleta 19 com 1:8 com a palavras: *ade* → [a.'de] → *cadê* e *nene* → [ne.'ne] → *neném*.

Em seguida, a coleta 4 mostra que as vogais [o, i] foram pronunciadas com 1 ano e 17 dias. Neste dado, a produção encontrada foi de *o* → [o] → *vou* e *ai* → [ai] → *ai* (no sentido de interjeição). É importante dizer que os dados dos estudos de Bonilha (2004) mostram que a aquisição da vogal [o] acontece com 1 ano 3 meses, e a aquisição da vogal [i] com 1 ano e 2 meses. Já a vogal [u] foi produzida em seguida das vogais [o, i] com a idade de 1:02:04. A produção observada foi *auau* → [aw.'aw] → *cachorro*, como mostra a coleta 7. Já a pronúncia da vogal média [ó] foi observada na mesma coleta, e Maria produziu *bó* → [bɔ] → *Bob* (nome do cachorro), 4 meses mais cedo do que previsto pela autora. Em seguida, a criança apresentou o fonema [é] com 1 ano 7 meses e 5 dias, quando pronunciou a palavra *bédi* → [ʼbɛ.di] → *bédi* - nome do cachorro que ela brincava no momento da coleta.

Sobre as estratégias de reparo do conjunto vocálico, observou-se que foram aplicadas poucas vezes pela criança. Conforme Bonilha (2004, p. 69), esse processo realizado na aquisição dos segmentos consonantais “pouco é aplicado quando a vogal-algo não é realizada. Isso ocorre porque as vogais ocupam a posição de núcleo silábico, portanto, apagá-las implica o apagamento de toda a sílaba.” Além disso, a autora afirma que 95% das produções vocálicas mostram ser corretas, assim, os processos fonológicos apresentam um percentual muito baixo. Sendo assim, foram observadas estratégias de reparo na palavra *bóita* → [ʼbɔi.tə] → *bota* que sofreu um processo de acréscimo da vogal [i] e na palavra *aivi* → [ʼai.vi] → *árvore*, em que ocorreu o apagamento das vogal postônica [o] e do tepe, e o [r] retroflexo foi substituído pela vogal [i].

#### 4.2.1 Aquisição das nasais

A segunda classe de sons que a criança investigada apresentou foram as consoantes nasais, o que confirma os estudos de Fronza (1998) que diz que a aquisição das nasais acontece

antes da aquisição das plosivas. Entretanto, os estudos Rangel (1998) mostram que a aquisição das plosivas acontece primeiro e, em seguida, a das nasais.

Maria apresentou primeiro o segmento nasal [m] com 1:01:23 como pode-se observar na coleta 6. A palavra produzida foi *mamá* → [ma.má] → *mamá*. Já o segmento nasal /n/ apareceu mais tarde com 1 ano e 8 meses. Assim, os dados confirmam os estudos de Rangel (1998) e Freitas (2004) que mostram que aquisição fonológica das nasais acontece até 1 ano e 8 meses.

Sobre os processos fonológicos realizados durante a aquisição das consoantes nasais, Freitas (2004, p. 79) afirma que são menos frequentes, o que “comprova a facilidade com que esses segmentos são adquiridos por falantes do português brasileiro”. Sendo assim, foi observado que, na coleta 15, ocorreu a estratégia de reparo de apagamento da sílaba átona pré-tônica [ir] e apagamento da nasal inicial [m] na palavra *ãõ* → [ãw] → *irmão*, de modo que a criança produziu o ditongo nasal da sílaba tônica apenas. Um fato interessante é que, na coleta 21, a criança pronunciou a mesma palavra, porém sem o apagamento da nasal [m]: *mão* → [mãw] → *irmão*.

#### 4.2.2 Aquisição das plosivas

Observou-se que a plosiva [b] foi produzida por Maria com 1:02:04, como mostra a coleta 7 com a produção de *bóbi* → [‘bɔ.bi] → *bob* (nome do cachorro que ela estava brincando no momento. Em seguida, com 1 ano 3 meses e um dia, a criança também pronunciou *ába* → [‘a.bə] → *água*. A segunda plosiva a ser apresentada pela criança observada foi [t]. Com 1:3, ela falou *ati* → [a.‘tʃi] → *aqui*. Nas coletas seguintes, também foram observadas as produções de *tá* → [tá] → *tá*, *tavo* → [‘ta.vu] → *Gustavo* e *tada* → [‘ta.də] → *cantada*.

Já o /p/ apareceu como a terceira plosiva que Maria pronunciou. Com 1:04:19, ela falou *papa* → [pa.‘pa] → *papai*. Sobre a aquisição da plosiva /d/, a criança realizou produções quando estava com 1 ano e sete meses com a pronúncia de *bédi* → [‘bɛ.di] → *Bédi*. Uma curiosidade a respeito dessa coleta é que a criança produzia [d] de forma dental. Já com 1 ano e 8 meses foi registrado o som de /d/ na palavra *adê* → [a.‘de] → *cadê* e *dade* → [‘da.di] → *Soledade*. Em seguida, o primeiro registro da produção plosiva dorsal /k/ aconteceu com 1 ano e 7 meses com a produção de *poca* → [‘pɔ.cə] → *pipoca*. Sendo assim, com 1 ano e 9 meses, a criança já pronunciava as plosivas /b, p, t, d, k/. Uma observação interessante é que não obtivemos registros da plosiva /g/. Assim, pode-se afirmar que a produção do /g/ confirma os estudos de

Bonilha (2004), que diz que a aquisição das plosivas dorsais é tardia.

Sobre as estratégias de reparo observadas, verificou-se a ocorrência do processo de anteriorização, que “é a substituição de uma consoante palatal ou velar por uma alveolar ou labial.” (Othero, 2005, p. 8). Maria apresentou, assim, preferência em pronunciar o /t/ no lugar de /k/, como pode ser observado na palavra *ati* → [a.'ti] → *aqui*. Na pronúncia de palavras, como *água*, também foi observado processo de substituição: *abu/aba* → [‘a.bu][‘a.bə] → *água*. Além disso, ocorreu a pronúncia de *paca* → [‘pa.cə] → *vaca* o que mostra uma substituição de /v/ por /p/.

#### 4.2.2.1 Aquisição das fricativas

Oliveira (2004, p. 84) afirma que as fricativas “são consoantes produzidas com passagem de ar sem que os articuladores obstruem completamente a boca”. A primeira fricativa apresentada nos dados foi /f/ e em seguida /v/. A primeira ocorrência do fonema /f/ registrada foi quando Maria estava com 1:04:03 e pronunciou *fofó* → [fɔ.'fɔ] → *vovó*. A estratégia de reparo utilizada foi uma sonorização pré-vocálica. De acordo com Othero (2005, p. 10), esse processo consiste na “realização das consoantes plosivas, fricativas ou africadas surdas como africadas sonoras antes de um som vocálico.”

Já a primeira ocorrência do fonema /v/ aconteceu quando Maria estava com 1:05:18 com a palavra *vovó* → [vɔ.'vɔ] → *vovó*. Com 1 ano e 8 meses, nota-se a pronúncia da fricativa /v/ com maior frequência, o que pode significar que a aquisição fonológica está sendo estabelecida. Sobre as estratégias de reparo utilizadas na produção do fonema /v/, foi observado que, com 1:8, Maria pronunciou *paca* → [‘pa.cə] → *vaca*. Assim, nota-se que a ela pronunciou a plosiva /p/ no lugar da fricativa /v/. Esse processo é chamado de plosivização, que “é a substituição de uma consoante fricativa ou uma africada por uma consoante plosiva.” (Othero, 2005, p. 9). Foi observado um processo de apagamento de sílaba CVC também na palavra *tavo* → [‘ta.vɔ] → *Gustavo*.

Assim, pode-se afirmar que as primeiras fricativas produzidas pela menina no período de coleta foram as labiais /f/ e /v/, o que dialoga os estudos de Oliveira (2004) que afirma que essas são as primeiras fricativas adquiridas. De acordo com a autora, os fonemas /s/, /z/, /sh/ e /z/ são adquiridos depois da aquisição das fricativas e o “[...] /s/ encontra-se adquirido aos 2:6, o /z/ aos 2:0, o /sh/ aos 2:10 e o /z/ aos 2:6” (Oliveira, 2004, p. 88). No período de coleta, foi

observado que a criança pronunciou apenas a fricativa /s/, porém nas duas ocorrências, o som de /s/ substituiu o fonema /x/. A primeira ocorrência foi com 1 ano 7 meses e 5 dias com a produção de *sisí* → [si.'sí] → *xixi* e, depois, com 1:9:15, em que Maria pronunciou *pessi* → [‘pe.si] → *peixe*.

#### 4.2.2.2 Síntese da análise

A partir da análise dos dados, verificou-se que Maria realizou as produções das classes de sons na seguinte ordem: o balbúcio, das vogais, das consoantes nasais, das plosivas e das fricativas. Além disso, pode-se dizer que ela apresentou desenvolvimento típico da aquisição fonológica, ou seja, o “desenvolvimento linguístico adequado à idade cronológica em termos de compreensão e produção de linguagem nos níveis sintático, semântico, morfológico, e pragmático.” (Lamprecht, 2004, p. 24).

Mesmo com o fato da criança apresentar o desenvolvimento típico, também foi possível observar regressões em suas produções sonoras. De acordo com Lamprecht (2004), essas regressões mostram que a aquisição da fala não acontece de forma linear, e sim de maneira descontínua. Como foi visto, por exemplo, na produção da vogal [e]. Maria produziu a vogal com 11 meses e 17 dias, porém ela só apresentou novamente a produção de [e] com 1 ano e 8 meses com a produção das palavras: *ade* → [a.'de] → *cadê* e *nene* → [ne.'ne] → *neném*, o que mostra a regressão fonológica presente na aquisição. É importante dizer que essas regressões só podem ser observadas em um estudo de método longitudinal, visto que no estudo transversal não é possível perceber tais ocorrências.

Além disso, verificou-se que a criança investigada usou estratégias de reparo no seu processo de aquisição fonológica. Essas estratégias observadas, “servem, então, para facilitar a produção de sons, ou grupos de sons, pelas crianças.” (Othero, 2014, p. 3). Sendo assim, Maria apresentou as seguintes estratégias: acréscimo de vogal, apagamento de vogal, apagamento de sílaba átona pré-tônica, apagamento da nasal inicial, substituição, sonorização pré-vocálica, plosivização e apagamento da sílaba CVC. As estratégias sinalizam que a aquisição sonora ocorre de maneira gradual e não abrupta, tendo em vista que os sons não são adquiridos da primeira vez em que são produzidos, mas vão sendo adquiridos gradualmente, com o uso de estratégias de reparo.

É importante ressaltar que os estudos de Lamprecht (2004) apontam que, para confirmar se a criança adquiriu, de fato, determinado segmento ou classes de sons, é preciso

que ela apresente, em média, 80% de produções corretas. Sendo assim, o presente trabalho, por ser uma pesquisa qualitativa, não apresenta a contagem numérica ou percentual das produções, mas apresenta um aprofundamento das principais produções que foram realizadas pela criança em determinada idade, sem afirmar, contundentemente, se as produções sonoras foram adquiridas realmente ou não.

Por fim, vale destacar também que a pesquisa nos mostrou que ao mesmo tempo em que Maria realizava o processo de aquisição da fala, ela também estava desenvolvendo outras habilidades motoras, cognitivas, sensoriais, entre outras. Foi analisado na coleta 1, por exemplo, a produção do balbucio e as atividades que a criança também realizou: os primeiros passos sem apoiar, brinca com brinquedos: carrinhos, toquinhos de madeira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso feito neste trabalho, percebemos que a criança apresentou uma cronologia da produção fonológica na seguinte ordem: o balbucio, as vogais, consoantes nasais, plosivas e, por fim, as fricativas. Também foi possível notar que Maria aprendia a falar ao mesmo tempo em que desenvolvia atividades lúdicas, habilidades motoras, interação social, entre outras atividades exercidas que foram observadas no quadro da coleta de dados realizada.

Com base nos estudos de Lamprecht (2004), é possível afirmar que a criança apresentou o desenvolvimento típico de aquisição fonológica. Mesmo com o fato da criança investigada apresentar o desenvolvimento considerado normal, observou-se que Maria apresentou regressões na aquisição, como no exemplo da produção da vogal [e], que foi observado que a primeira ocorrência aconteceu a com 0:11:17 e somente com 1 ano e 8 meses foi observados produções com [e]: *ade* → [*a.'de*] → *cadê* e *nene* → [*ne.'ne*] → *neném*.

Ademais, notou-se que Maria fez uso das estratégias de reparo na aquisição da fala. Essas estratégias servem para ajudar a criança, de forma natural, a produzir determinado som que ela ainda tenha dificuldade. (OTHERO, 2004). As estratégias encontradas na pesquisa foram as seguintes: acréscimo de vogal, apagamento de vogal, apagamento de sílaba átona pré-tônica, apagamento da nasal inicial, substituição, sonorização pré-vocálica, plosivização e apagamento da sílaba CVC.

Este trabalho aponta para a importância do estudo longitudinal na percepção da aquisição descontínua, com regressões. Demonstra também, seguindo Lamprecht *et al* (2004)

que a análise por classes de sons (nasais, plosivas etc.) é profícua, por permitir generalizações para um conjunto de sons. Ainda, o estudo das estratégias de reparo se mostra muito relevante por indicar que a aquisição da linguagem ocorre de modo gradual (FERRARI, 2011), de modo que a criança não realiza a pronúncia alvo em sua primeira produção, mas vai adquirindo gradualmente essa pronúncia.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONILHA, G. Sobre a aquisição das vogais. In: LAMPRECHT, R et al. (Org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 61-72.
- CHOMSKY, N. **A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior**. Prentice-Hall: Language, 1959.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Apostila, 2002.
- FRONZA, C. A. **O nó laríngeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro - a existência de uma tipologia**. 1998. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1998.
- GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.
- KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.
- LAMPRECHT, R. R. et al. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARTELOTTA, M. E (org.). A. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MATZENAUER, C.; COSTA, T. Aquisição da fonologia em língua materna: os segmentos. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (org.). **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press. 2017. p. 51–70.
- MILANO, L.; FLORES, V. N. **Do balbucio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante**. Porto Alegre: Revista Eletrônica PUCRS, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/index>>. Acesso em: 28 mai. 2019.
- OLIVEIRA, C et al. Cronologia da aquisição dos segmentos e das estruturas silábicas. In: LAMPRECHT, R et al. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e**

subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 167-176.

OTHERO, G. **Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança**. ReVEL, 2005. Disponível em: <[https://revel.inf.br/files/artigos/revel\\_5\\_processos\\_fonologicos.pdf](https://revel.inf.br/files/artigos/revel_5_processos_fonologicos.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RANGEL, G. **Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1998.

SCARPA, E. M. A Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: 8.ed. Cortez, 2012. p. 241-271.

SIM-SIM, I. Aquisição da linguagem: Um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Org.). **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press. 2017. p. 3-31.

TORETI, G.; RIBAS, L. P. **Aquisição fonológica: descrição longitudinal dos dados da fala de uma criança com desenvolvimento típico**. Letrônica, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/7097/5463>>. Acesso em: 10 mai. 2019.